

TE 483
 Memórias de um Sargento...
 Companhia Dramática Capixaba

SEXTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1986

BR. 1BES. C. 572
 7

a estréia de hoje/MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

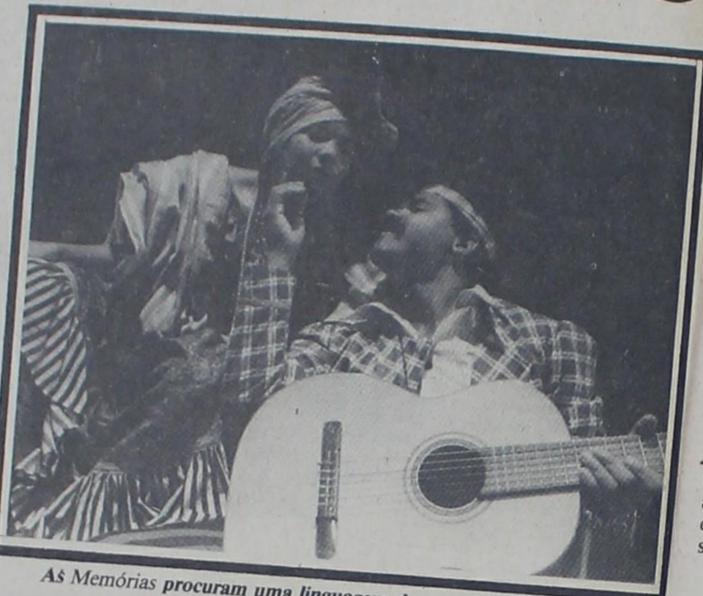
A nova montagem da Companhia Dramática

Luiz Tadeu Teixeira

Estréia hoje, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, a nova montagem da Companhia Dramática Capixaba: **Memórias de um Sargento de Milícias**, comédia de Manuel Antônio de Almeida, adaptada por Francisco Pereira da Silva. A equipe de realização do espetáculo reúne mais de 30 pessoas, entre artistas, técnicos e pessoal administrativo. A direção foi confiada a Gilson Sarmento, o mesmo que no começo dos anos 70 dirigiu o grupo da antiga Fundação Cultural, uma das muitas tentativas de se implantar um conjunto estável, capaz de manter um repertório dinâmico, a exemplo do que ocorre com a Orquestra Filarmônica, também vinculada ao DEC.

O projeto da CDC, uma antiga aspiração da classe artística capixaba, tem como principal objetivo oferecer uma alternativa para a absorção da mão-de-obra existente no Estado. São artistas e técnicos em espetáculos que, após a profissionalização, teriam que migrar para centros maiores, onde as oportunidades de trabalho, teoricamente, seriam mais frequentes.

A CDC ainda não pode ser considerada um conjunto estável (seus primeiros espetáculos — e únicos, até então — foram montados em 1984, o que representa um período de quase dois anos de inatividade). Isto, provavelmente, só poderá ocorrer no próximo governo. Ou quando vencer o prazo de veto às novas contratações determinado em razão da proximidade com as eleições. No caso presente, do mesmo modo que anteriormente, os contratados firmaram um compromisso por tempo determinado, excetuando-se os que já pertencem regularmente ao quadro do atual Departamento Estadual de Cultura.



As Memórias procuram uma linguagem de comunicação popular

A expectativa geral é de que a CDC se torne um conjunto permanente, integrado por atores, bailarinos, cantores, cenógrafos, iluminadores e técnicos diversos que possam se dedicar exclusivamente à montagem de espetáculos (inclusive de grande porte, como óperas) e atividades didáticas paralelas. Esta é uma tarefa difícil de ser assumida por empresas privadas, principalmente no Espírito Santo, onde aparentemente não existem empresários dispostos a investir no ramo por causa das dificuldades que apresenta em garantir um retorno financeiro considerável.

Estatização da cultura? Sim, neste caso ela se justificaria. Desde que, evidentemente, a atividade teatral local não seja monopolizada pela CDC,

cerceando-se o surgimento de outras iniciativas, profissionais ou amadoras. A manutenção da Companhia como um corpo estável permitiria também que, paralelamente às montagens por ela executadas, se ministrassem cursos diversos, atendendo a um currículo básico de uma escola de teatro. Nesse caso, teríamos uma escola viva, essencialmente prática. Não se pode falar em abrir uma escola de teatro sem que haja um mercado de trabalho para ser trabalhado. Do contrário, a escola formara desempregados.

Diretores e também atores de outros Estados poderiam eventualmente participar das montagens da CDC, possibilitando um saudável intercâmbio, além de oferecer atrações espe-

ciais aos espetáculos. Seria uma espécie de "Projeto Muqueca" do teatro. Quando promovido com a música, o casamento dos artistas capixabas com artistas consagrados nacionalmente funcionou como um trampolim para a difusão do talento dos intérpretes e compositores do ES em seu próprio Estado. A partir do "Projeto Muqueca", realizado em 78, pode ser observado um aumento considerável na procura de músicos capixabas para atuarem em bares e restaurantes, além de shows pelo interior. Sua realização, naquele caso, foi decisiva para a ampliação do mercado de trabalho. Espera-se que o mesmo ocorra com o teatro, apesar deste meio de expressão apresentar características próprias que dificultam a transferência pura e simples do processo.

A responsabilidade de toda a equipe que integra este novo espetáculo da CDC é muito grande. Foi escolhida uma comédia clássica brasileira de fácil comunicação popular (pensando-se também nas cidades do interior que serão visitadas nas próximas semanas) para que, entre outras coisas, ela sirva para fazer com que o público capixaba volte a acreditar no seu teatro. Ultimamente, os espetáculos locais que atingiram uma média razoável de público foram raros. Existem muitos grupos, o seu nível é heterogêneo e o público tende a generalizar. E costuma nivelar por baixo. Esta realidade precisa mudar para que o teatro capixaba acompanhe o crescimento do Estado em outras áreas. Afinal, sendo a arte um meio de se investigar a alma de um povo e o teatro uma forma de linguagem que reúne elementos de diversas expressões artísticas, ele torna-se uma atividade vital para a sociedade.



Um elenco de 17 pessoas apresentará situações que evocam a vida brasileira do início do século. O autor é considerado um precursor da comédia de costumes

Comédia de costumes

Trata-se do primeiro grande romance urbano brasileiro, **Memórias de um Sargento de Milícias**, é o retrato do cotidiano de uma cidade no século XIX. Escrito em 1852/53, em pleno II Império, portanto ao tempo da Corte portuguesa no Brasil. Ao lado de seus contemporâneos e, portanto, sem compromissos com as correntes literárias, Manuel Antônio de Almeida usou de uma linguagem clara e direta para descrever hábitos e costumes de uma sociedade simples, cujos personagens são barbeiros, parteiras, sacristãos, mendigos, ciganos e meirinhos.

Segundo definição do crítico Antonio Olinto, em **Memórias de um Sargento de Milícias**, "o povo entrou pela primeira vez na ficção brasileira. O povo tal como existia no Rio de Janeiro nos primeiros tempos da Independência, embora o início da história diga: Era no tempo do rei". Unindo a crônica ao romance, as **Memórias** são um documento vivo do Brasil Imperial. Na opinião de muitos críticos, a obra de Manuel Antônio de Almeida veio completar a do pintor francês Jean-Baptiste Lavoisier. Ao morrer prematuramente, aos 31 anos de idade, Manuel não tinha a menor idéia de que sua obra seria um clássico das letras brasileiras.

As **Memórias** tiveram outras adaptações teatrais. Uma delas pelo autor Francisco Pereira da Silva, que a batizou de **O Vaso Suspirado**, atual montagem do Grupo União, de Montanha). Outra, mais recentemente, foi realizada por Millôr Fernandes e recebeu o título de **Vidigal**, sendo montada no Rio de Janeiro.

Ficha técnica

Memórias de um Sargento de Milícias, original de Manuel Antonio de Almeida, em adaptação de Francisco Pereira da Silva. Direção, figurinos e cenários: Gilson Sarmento. Desenho técnico: Amarildo Leite Lima e Marina Neves de Aguiar. Cenotécnica: Adércio José Borges, Antônio Guerra Filho e João Virgínio Pereira. Confecção de figurinos: Marli Neiva Oliveira, Marta Pizzala e Renato Saudino. Iluminação: Ary Roaz. Operação de luz: Alcides Rodrigues e João Lauro Aquino. Músicas: Wilson Fernando. Elenco e personagens (por ordem de entrada em cena): Agostino Lazzaro (Coro), Vera Lúcia Rocha (Vidinha), Robson de Paula (Primo), Negruta (Moça), Wilson Fernando (Tomás), Álvaro Schimidell (Primo), Geisa Ramos (Mãe), Milton Lima Neto (Granadeiro), Markos Konká (Granadeiro), Aldair Avelino (Vidigal), Ary Roaz (Padrinho), Célia Sampaio (Vizinha), Inácia Freitas (Comadre), Milton Neves (Leonardo), Alcione Dias (Dona Maria), Eussa Gil (Luizinha), Amarildo Leite Lima (José Manuel). Cartaz/programa: Lando. Arte final: Betina Gatti. Fotos de cena: Carla Falce. Divulgação: Beth Caser. Produção executiva: Maurício Silva. Assistente de produção: Bibil. Realização: Companhia Dramática Capixaba — Divisão de Teatro e Dança — Departamento Estadual de Cultura/Sedu. Patrocínio: Governo do Estado do Espírito Santo e Serviço Brasileiro do Teatro/Inacen/Ministério da Cultura. O espetáculo realiza hoje sua estréia, permanecendo em cartaz até terça-feira, com sessões sempre às 21 horas.

Caderno Dois

TE 482
Grupo Opus Tupiniquim

VITÓRIA (ES), TERÇA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1986

BR.7BES-C.572
8

A GAZETA

VITÓRIA (ES)

TERÇA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1986

Os desafios da viagem

O grupo Opus Tupiniquim e sua instigante presença no panorama teatral capixaba



Estréia hoje, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, **Stultifera Navis**, a nova montagem do grupo Opus Tupiniquim, o mais instigante do teatro capixaba. O espetáculo, que fará uma única apresentação e depois aguardará nova oportunidade para ser mostrado ao público capixaba, foi inspirado na tela **A Nau dos Loucos**, produzida pelo pintor flamengo Jeronimus Bosch por volta do ano 1500, em poemas de Sebastian Brandt, seu contemporâneo, e em textos do psiquiatra francês Michel Foucault, falecido recentemente.

A direção e o roteiro são de Magno de Godoy, que também está no elenco, ao lado de Marcelo Ferreira, Carlos Délio e Paulo Fernandes. A iluminação é de Claudino de Jesus (com operação de Wlad Catiglioni) e a sonoplastia de Margareth Taquetti. Os cenários e figurinos foram criados por Magno de Godoy, que também cuidou da produção executiva com Marcelo Ferreira. Os ingressos para esta única apresentação de **Stultifera Navis** estão sendo vendidos a Cz\$ 100,00 (preço único) e sua montagem teve o apoio do Departamento de Cultura das prefeituras de Vila Velha e Vitória, Emcatur, Scav, DEC e A GAZETA.

O Opus Tupiniquim utilizou uma frase de Foucault para localizar a proposta desta sua nova criação: "A frágil razão humana navega no furor do universo e a vitória cabe à grande loucura abissal".

Luiz Tadeu Teixeira
O grupo se autodenomina ora "teatro sagrado de câmara" ora "dança neo-iaô" (expressão que sugere uma estética inspirada em elementos do candomblé). De qualquer forma, o Opus Tupiniquim nos últimos anos revelou-se o mais instigante dos grupos capixabas, preocupado em desenvolver uma pesquisa de linguagem sustentada em rigoroso trabalho corporal. Pena que a não-realização de temporadas regulares o impossibilita de testá-la junto ao público leigo e até obter um possível retorno para o investimento em tempo, criatividade e demais recursos empregados na produção dos espetáculos.

Após superar uma série de obstáculos (alguns até insólitos, como a "tempestade" que desabou sobre um ensaio no Centro Cultural D. João Batista de Vila Velha, motivando uma polêmica que envolveu políticos e administradores culturais), o Opus

Tupiniquim promove hoje, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, a estréia do seu novo espetáculo: **Stultifera Navis**, criado a partir de poemas de Sebastian Brandt, da tela **A Nau dos Loucos**, de Jeronimus Bosch, e textos do psiquiatra Michel Foucault. Ainda desta vez, a estréia não significará o início de uma temporada regular. O grupo realizará uma única apresentação e ficará aguardando novas datas. Coisas de Vitória... Espera-se que a inauguração do Centro Cultural Carmélia M. de Souza, com seu Teatro José Carlos Oliveira, represente um real desafio para a pauta do Carlos Gomes. E que os grupos capixabas possam se planejar e cumprir devidamente sua programação. Sem isto é impossível falar em profissionalismo.

A história do grupo Opus Tupiniquim

tem particularidades que o colocam num plano destacado dentro do panorama teatral do Espírito Santo. No começo, encontrou seu espaço no meio universitário, oriundo de um núcleo que promovia manifestações culturais de importância no período compreendido entre os últimos anos da década de 70 e os primeiros da seguinte. Vivia-se os "anos Penina", época em que um sopro de inteligência atingiu a Ufes. As mostras de teatro funcionavam como forma de catalisar esforços dos estudantes em torno de algum objetivo artístico concreto, mesmo que os espetáculos realizados demonstrassem imaturidade e pouco fôlego. Pelo menos, àquela época, observava-se uma tentativa saudável de realizar algo mais duradouro, só comparável com o período imediatamente anterior ao AI-5.

Hoje, infelizmente, a arte na universidade capixaba parece se limitar à contestação pura e simples de um pseudo-status intelectual ou político representado por sua estrutura administrativa. A "síndrome da performance compulsiva" (para não dizer compulsória) virou sinônimo de engajamento. Picha-se muros com frases geralmente sem inspiração e elege-se o mau gosto como ideal quase absoluto. Acusa-se uma estrutura de "podre" sem que se apresente alguma coisa capaz de substituí-la. Ou algo consistente capaz de motivar alguém a lutar por sua implantação. O idealismo e a contestação política cederam lugar a um nihilismo inconsequente.

Pois o grupo Opus Tupiniquim surgiu a partir de um movimento que pode ser considerado como o último sinal de vida cultural vislumbrado no horizonte da Ufes. A apatia presente contrasta sobremaneira com o momento de ebulição que a vida nacional experimenta em todas as áreas. O próprio cineclubes universitário, que teve em Carlos Magno Godoy e Marcelo Ferreira (os nomes de frente do Opus Tupiniquim) alguns de seus incansáveis batalhadores (ao lado de Claudino de Jesus, Marcos Valério e Tião Xará, entre poucos outros), pelo que tem sido observado também entrou em declínio.

Deve ser motivo de satisfação geral saber que Magno e Marcelo (e também Carlos Délio) encontraram motivação para, saídos da universidade, continuar com a mesma preocupação. Do espetáculo inicial do Opus, que poderia ser utilizado como referência básica para seu trabalho (a sátira **Universus Sanctum de Spiritus Federalis**, um deboche juvenil localizado no círculo da Ufes), o grupo partiu para uma outra, mais ampla, que engloba a própria estética da arte cênica. Nesse sentido, o Opus Tupiniquim só tem evoluído. **El Gran Nanica Circus**, o espetáculo seguinte, apesar de romper com a abrangência meramente universitária, conservava algo da ironia exacerbada que caracterizou o trabalho anterior. Naquele momento, surgiu um outro grupo na cidade cuja proposta encontrava parentesco com a do Opus Tupiniquim. A Canalhada, autodenominada "gang de dança", com sua opção por uma linguagem que reunia elementos de teatro e dança.

Nos seus trabalhos mais recentes, a partir de uma identificação com o teatro No e o Kabuki, dois gêneros essencialmente orientais, e abolindo quase completamente a palavra, o Opus Tupiniquim tem evidenciado que encontrou um caminho definido para trilhar. Nele, **Stultifera Navis** desponta como uma etapa vital para seu amadurecimento. Os dois trabalhos imediatamente anteriores (**Narciso**, apresentado em dezembro do ano passado, e **Schein — A Exibição**, visto poucos meses antes) demonstravam que o Opus Tupiniquim, sem receio de cair no hermetismo, assumia uma proposta arrojada, absolutamente original no panorama teatral capixaba. Seu parentesco com A Canalhada, a partir daquele momento, ficava limitado a alguns elementos plásticos de efeito meramente visual. Nada que pudesse sugerir o caráter aleatório irradiado pela maioria das criações de A Canalhada. Ao contrário, o Opus Tupiniquim (muito mais em **Narciso**) deixava transparecer disciplina e rigor formal. Além, evidentemente, do embasamento intelectual que, agora, ostenta com maior propósito.